



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JORGE PINTO RIBEIRO

(depoimento)

2012

CEME–ESEF–UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-266

Entrevistado: Jorge Pinto Ribeiro

Nascimento: 09/04/1955 (falecimento em 23/08/2012)

Local da entrevista: Hospital de Clínicas, UFRGS, Porto Alegre – RS.

Entrevistadoras: Christiane Garcia Macedo, Leila Carneiro Mattos, Carla Ferreira.

Data da entrevista: 18/06/2012

Transcrição: Carina Kaiser Miranda da Silva/ Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 38 minutos e 53 segundos

Páginas Digitadas: 9

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Trabalho no Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX); Formação Acadêmica no Exterior; Criação e desenvolvimento do LAPEX; Produção científica; Faculdade de Medicina; Pesquisas em Fisiologia do Exercício; Atuação na Pós-Graduação; Formação de mestrandos e doutorandos.

Porto Alegre, 18 de junho de 2012. Entrevista com Jorge Pinto Ribeiro a cargo das pesquisadoras Christiane Garcia Macedo, Leila Carneiro Mattos, Carla Ferreira, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, gostaríamos que o senhor falasse sobre sua relação acadêmica com a ESEF¹, quando iniciou e como foi essa aproximação?

J.R. – Eu comecei a trabalhar ainda como aluno de terceiro ano na Faculdade de Medicina em 1975. Fui convidado a iniciar... Na realidade fui indicado pelo professor Jayme Werner dos Reis para começar uma atividade como estagiário no Laboratório de Pesquisa do Exercício² sob orientação do professor Eduardo de Rose³. Naquela época o LAPEX já existia, já tinha sido equipado e eu comecei a trabalhar imediatamente após um grande Congresso Internacional de Medicina do Esporte que o professor De Rose organizou em Porto Alegre. Foi assim que começou a indicação: pelo professor de natação, Jayme Werner dos Reis, e à convite do professor De Rose. Essa indicação do professor Peixinho⁴ ela veio porque ele foi meu professor de Educação Física na época que eu estudava no Colégio de Aplicação⁵. Sendo médico e o LAPEX sendo uma área exatamente multiprofissional havia naquele momento uma geração de alunos de Educação Física e também de alunos de Medicina que começavam a trabalhar naquele meio.

C.M. – E como estudante teve mais alguma atividade que você fez na ESEF com o Diretório, prática esportiva, cursos?

J.R. – Não! Na realidade eu nunca cursei a Faculdade porque eu fazia a Faculdade de Medicina. Eu entrei no LAPEX e naquela época nenhuma das pessoas, inclusive aquelas pessoas mais sênior como era o caso do professor De Rose, nenhuma das pessoas tinha formação acadêmica. O professor De Rose tinha ampla experiência como médico do esporte e era professor também na PUC⁶ naquela época, mas nenhum tinha formação

¹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² O Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) foi criado na Escola de Educação Física em 1973.

³ Eduardo Henrique de Rose.

⁴ Apelido conferido à Jayme Werner dos Reis.

⁵ Vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Pontifícia Universidade Católica.

acadêmica. Mas já naquela época, o grupo do professor De Rose particularmente, tinha um contato internacional muito extenso, então, ele já havia enviado alguns dos estudantes para fazer estágios em laboratórios internacionais e naquele momento ele me deu uma incumbência que era de montar uma técnica que, naquela época, era muito importante que era de biópsia muscular e esta foi a minha primeira atividade no LAPEX. Eu realmente fiz isso, estudei toda a técnica, acabamos publicando um trabalho especificamente naquela época; um trabalho nacional e foi, na realidade, a primeira vez que no Brasil se fez biópsia muscular. Tanto na área de Medicina do Esporte como também na área de Neurologia eu fui o primeiro a montar o que se chama de histoquímica muscular para a diferenciação de tipos de fibras. Então isso se estendeu porque, na realidade, eu comecei a trabalhar no fim de 1975, se estendeu ao longo do ano de 1976 e no início de 1977 eu recebi uma bolsa. Naquela época as nossas bolsas de iniciação científica eram pagas não pela universidade nem pelo CNPq⁷, eram pagas por uma verba especial da Federação Brasileira de Medicina do Esporte e existiam essas bolsas de curta estadia no exterior. Eu recebi uma dessas bolsas assim como vários outros colegas também receberam, inclusive na mesma época que eu estava no exterior e nos encontramos juntos, lá na Alemanha, o professor Fortuna⁸. Ele entrou nessa bolsa em janeiro e fevereiro de 1977, eu tive a oportunidade de estagiar em Roma que era o Comitê Olímpico Italiano, um ambiente fantástico de avaliação de atletas, com o professor Antonio Dal Monte; depois em Colônia que também tinha uma avaliação de atletas fabulosa na Alemanha. Depois eu fui para Estocolmo onde estagiei no Instituto Karolinska e, finalmente, em Jyväskylä na Finlândia. Então foram quatro estágios curtos, para me expor a várias formas de avaliação de atletas e de pesquisa. Eu diria que esses estágios se pode dividir em duas experiências distintas: a primeira experiência tinha avaliação de atletas, que seria em Roma e em Colônia, e a segunda experiência de pesquisa profunda em Fisiologia do Exercício.

Nos anos 1970 a Escandinávia dominava a pesquisa mundial em Fisiologia do Exercício, e para minha grande satisfação, quando eu cheguei em Estocolmo e depois em Jyväskylä eu me dei conta que eu naquela época tinha sido aluno de Medicina, tinha sido capaz de estudar tudo que existia sobre o tema que me interessava que era tipos de fibras musculares e desempenho físico. Lembrando que naquela época não tinha computador, cada referência bibliográfica que eu tivesse que ler, eu diria que setenta por cento delas

⁷ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁸ Newton Fernando Fortuna.

existiam na nossa biblioteca, nos tínhamos e temos ainda uma biblioteca maravilhosa no Departamento de Fisiologia, mas trinta por cento nós tínhamos que mandar vir do exterior para estudar. Mas eu cheguei lá conhecendo toda literatura e isso foi uma experiência vital para me dar conta que eu era capaz de aprender sozinho e chegar junto às maiores autoridades do mundo e sendo um aluno de Medicina. Levar referências que eles não conheciam. Então esse foi um momento muito importante, essas alturas eu estou entrando no quinto ano da Faculdade de Medicina e eu voltei para Porto Alegre depois deste estágio e lá eu me dei conta de uma outra coisa: que o que eu estava montando era desenvolvido demais para o resto que estava sendo feito no LAPEX porque técnicas mais fundamentais ainda não tinham sido montadas no LAPEX. E aí eu montei duas outras técnicas: a medida de consumo de oxigênio, usando análise sequencial e analisadores químicos, isso também acabei publicando um trabalho, ainda nacional; e depois nós recebemos um equipamento maravilhoso de ergoespirométrica que era o melhor época no mundo, também desenvolvi as técnicas nessa área. Então eu diria que 1977 foi o ano de complementar àquilo que eu tinha feito na área muscular para a área cardio-respiratória, e começamos a trabalhar em algo que, na realidade, até hoje eu continuo produzindo nisso que é uma das minhas linhas de pesquisa chamada limiares ventilatórios e metabólicos durante o exercício. E publiquei o primeiro trabalho no país sobre o que naquela época chamava de limiar anaeróbico. Essa foi, eu diria, o resumo da minha iniciação científica no LAPEX, sempre com um estímulo fantástico do professor De Rose, uma oportunidade imensa porque ele tinha contatos internacionais, nós tínhamos dentro da ESEF um centro bibliotecário que tinham os melhores livros do mundo na área, não faltava livro aqui. A nossa bibliotecária era muito competente, tudo isso com essa verba da federação, então, material para estudar nós tínhamos, equipamentos de alta qualidade nós tínhamos, faltava realmente eram os pesquisadores que nós ainda não éramos, nós estávamos em iniciação científica.

Eu me formei na faculdade, comecei a residência médica aqui, em Medicina Interna mas continuei trabalhando do LAPEX. Nós tínhamos também por causa do grande prestígio internacional do professor De Rose, anualmente, nós recebíamos médicos que vinham de outros países, no início América Latina, depois muitos espanhóis vinham também para fazer formação no LAPEX. No início era um médico por ano, no início dos anos 1980 nós tínhamos quinze médicos. E no final eu terminava a minha atividade aqui na residência, agora já médico e eu supervisionava o trabalho desses médicos na avaliação funcional de atletas lá no LAPEX. Tudo isso para mim teve um resultado muito importante

porque muito precocemente eu, mesmo sem uma orientação de um pesquisador formado, tive a oportunidade de buscar o conhecimento. E naquela época como Medicina do Esporte era uma ciência muito subdesenvolvida ainda, mesmo nós que éramos alunos de Medicina dávamos palestras em congressos brasileiros, porque os médicos mais velhos não estudavam como nós. Então já muito cedo eu comecei a dar palestras, o professor De Rose também me dava a oportunidade de ajudá-lo na disciplina de graduação que ele tinha na Faculdade de Medicina da PUC. E isso foi uma oportunidade fantástica para eu iniciar não só como pesquisador mas também como professor pois ainda como aluno eu funcionava como auxiliar da disciplina e tudo isso foi experiência acumulada.

Bom, foram de 1975 até 1978 iniciação científica, depois 1979, 1980 e 1981 era residente aqui, e em 1980 surgiu a oportunidade de eu ser contratado como professor na ESEF. Fui contratado, e como não existia ainda a disciplina de Fisiologia do Exercício, eu fui trabalhando no LAPEX e lá continuei fazendo esse trabalho de supervisão dos médicos e dos professores que faziam avaliação de atletas. Até que em 1985 de novo, pelo estímulo do professor De Rose que tinha uma visão muito clara de que o nosso grupo tinha que se diferenciar para termos a capacidade de nos tornarmos pesquisadores internacionais... Como não tinha experiência em pesquisa, em Medicina do Esporte no Brasil, existiam alguns poucos grupos que faziam uma Fisiologia do Exercício muito tênue, muito pouco exercício e muita Fisiologia, por exemplo, na Escola Paulista de Medicina. O entendimento do professor De Rose era que nós tínhamos que ir para fora. E isso ele fez. Ele foi para a Alemanha, para Colônia fazer doutorado, eu fui para Boston. O professor Guimarães⁹, o professor Ricardo¹⁰ e o professor Fortuna foram para o exterior. Depois o professor Ricardo foi para Maryland para o doutorado dele, e o professor Guimarães foi para o Canadá para doutorado mais tarde mas o importante é essa visão e que hoje é o mote da minha vida.

O que eu fiz de importante em todos esses anos eu formei agora já vinte nove mestres e vinte cinco doutores, já mandei mais de vinte pessoas para o exterior seguindo exatamente o modelo que o professor De Rose propôs naquela época sem ele ser pesquisador, mas ele sabia dessas coisas. Então, fomos todos para o exterior, este foi um período em que de 1981 à 1985, é um período que o LAPEX esvaziou porque muita gente

⁹ Antônio Carlos Stringhini Guimarães.

¹⁰ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

saiu ao mesmo tempo. Então o professor Belmar¹¹ ficou coordenando o LAPEX mas com pouca gente para trabalhar. Foi uma época que o LAPEX diminuiu suas atividades mas manteve algo de muito importante que é o fluxo de avaliação. Nós tivemos sempre duas linhas: a avaliação de atletas e a avaliação de sedentários que iniciavam programas de exercício. Foi algo que o professor De Rose começou lá no início dos anos 1970 e o professor Belmar continuou nesta parte, principalmente da avaliação de sedentários, que era a área de que ele atuava mais. A avaliação de atletas diminuiu, em 1985 nós voltamos: voltei eu, o professor De Rose, o professor Guimarães, o professor Ricardo e acho que o Fortuna. Mas quando nós voltamos, nós reestruturamos o LAPEX e aí já em outro cenário. Já em um cenário com pessoas com formação acadêmica completa: eu fiz meu doutorado e a minha cardiologia, doutorado na Boston University e a Cardiologia na Harvard e eu voltei com uma produção muito forte, uma produção no sentido de publicações internacionais. E antes de voltar em 1984 nós publicamos o primeiro trabalho feito integralmente aqui e publicado no exterior, que foi a dissertação de mestrado do professor Arno Black, que tinha feito sua dissertação. Eu orientei à distância depois escrevemos o trabalho e foi publicado no *Jornal Opinon of Technology*, então, este é o primeiro trabalho em revista indexada publicado na história da ESEF. E ali para adiante eu voltei a produzir aqui. O professor Guimarães logo que voltou conseguiu publicar aqui também, e na volta o prestígio internacional do professor De Rose cresceu ainda mais e nós passamos a receber um grupo grande de médicos espanhóis que vinham fazer pós-graduação em Medicina do Esporte conosco. E esses médicos trabalhavam conosco em um estágio que rodava pelo LAPEX, aqui pelo Hospital de Clínicas¹² e por um clube de futebol o Grêmio¹³, é o que hoje se chamaria uma residência de Medicina do Esporte.

No final dos anos 1980 o curso de pós-graduação de Medicina do Esporte atingiu um número muito elevado, nós naquela época tínhamos disciplinas que não tinham em nenhum outro curso, por exemplo, nós tínhamos disciplinas de informática médica, as pessoas saíam qualificadas. Lembre-se que nós estamos falando de 1986, computador não tinha ainda disco rígido, era só disquete. O professor De Rose foi um visionário neste sentido, o LAPEX em 1976 já era todo informatizado, nós transferimos toda essa tecnologia para os médicos que vinham para cá e saíam qualificados. Nas Práticas Fundamentais de Informática, nós tínhamos uma disciplina de Estatística que também foi

¹¹ Belmar José Ferreira de Andrade.

¹² Hospital de Clínicas de Porto Alegre vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

uma renovação ao que existia em Porto Alegre; as disciplinas de Estatística que eram oferecidas em todas as faculdades só ensinavam a dizer que a estatística existia, as pessoas não se qualificavam, os nossos médicos saíam trabalhando com programa de estatística e fazendo a sua própria análise estatística. Mas acho que isso foi um momento de brilho também para o LAPEX, no sentido de que trouxe tecnologia internacional em um curso de pós-graduação, no caso aqui Lato Sensu de Medicina do Esporte, aproveitando uma grande dedicação que esses médicos que vinham do exterior tinham. Eu acho que foi um momento importante. E nessa época nós conseguimos produzir vários trabalhos internacionais também. Agora já estamos nos aproximando dos anos 1990 quando começou o curso de pós-graduação Strictu Sensu, eu não me lembro bem, vocês chequem depois a data, eu acredito que tenha sido início dos anos 1990.

C.M. –1989?

J.R. – Isso 1989. Foi um início complexo, como são todas as coisas na ESEF, ao contrário de uma Faculdade de Medicina que eu conheço profundamente, onde só existe uma linguagem, se chama linguagem biológica, aqui só tem uma língua, Faculdade de Medicina, só tem linguagem biológica. A Educação Física é multidisciplinar e as técnicas de pesquisa, as técnicas de ensino de aprendizagem são distintas. E esse é um conflito que existe há muitos anos dentro da ESEF, existe agora, naquela época era pior e havia muita disputa entre essas áreas, uma falta de entendimento. Acho que hoje as pessoas que lideram são capazes de entender a multidisciplinaridade e se respeitar, mas isso continua sendo um desafio para a Educação Física. Então quando se iniciou essa área havia essa dificuldade e algumas injustiças aconteceram, todas elas compensadas, por exemplo: eu me lembro de um colega que não foi aceito para professor de Educação Física da área biológica que trabalhava comigo, que não foi aceito para a pós-graduação mas eu encontrei uma solução, eu mandei ele para a Fisiologia e ele fez uma belíssima formação Fisiologia, mestrado, doutorado e hoje é professor da ESEF, professor de Fisiologia do Exercício. Mas é só para lembrar que naquela época as dificuldades da multidisciplinaridade e da mediocridade que predominava naquela época não permitiu que um filho da casa fosse aceito na própria casa. Mas esse filho da casa deu a volta por cima, essa pessoa eu posso citar: É o professor

¹³ Grêmio Foot-ball Porto Alegrense.

Álvaro Oliveira¹⁴. Hoje é uma pessoa produtiva, mas ele teve que buscar a formação fora porque um entendimento da Escola, dos processos democráticos de seleção, que ele não deveria fazer o nosso curso lá. Acho que foi melhor para a ESEF assim, mas ele buscou uma formação complementar e hoje tem uma linha de pesquisa produtiva, mas eu estou citando este exemplo. Bom, neste período, acho que o pós-graduação começou devagar e como toda pós-graduação com suas dificuldades mas com esse desafio da integração de coisas distintas, muitas disputas políticas, disputa de poder. A disputa de poder é muito boa porque gera alternância de poder, mas na ESEF particularmente isso atingiu limites que não são compatíveis com a universidade porque ultrapassou os limites da academia e entrou na político partidária e isso é muito ruim. Político partidário dentro da academia é muito ruim. Isso aconteceu e foi pesado na ESEF, foi muito pesado, acho que atrasou alguns anos da ESEF, essas lutas, não luta pelo poder que é improdutiva, mas a luta político partidária, tudo isso são coisas do passado, mas foram momentos que atrasaram o desenvolvimento da Escola, eu não tenho dúvida quanto a isso. Ao longo desses tempos, nós já estamos em 1989 a partir do final dos anos de 1980 teve início dos anos de 1990, a minha vida acadêmica aqui na Faculdade de Medicina... Eu entrei como professor concursado aqui também, começou a demandar muito, e ficou difícil para eu cumprir as minhas atribuições na ESEF porque o tempo começou a ficar curto. Eu fui diretor do LAPEX de 1986 a 1992, e não de 1986 a 1988 como estava escrito no evento que teve sexta-feira na ESEF e com o crescimento das minhas atividades eu dava duas disciplinas de Fisiologia do Exercício. Eu era diretor do LAPEX, eu fazia pesquisa e dava aula na pós-graduação, então, eu tinha atividades relativamente amplas. Além disso, eu estava aqui e tinha também uma atividade privada como cardiologista; além disso eu tinha mais uns cinco cargos diretivos incluindo naquela época eu era Diretor da área de Saúde da FAPERGS, que também tomava tempo. Na época a minha função como diretor na FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul). Eu na realidade era nomeado até por ter esta dupla atividade na Medicina e na Educação Física, eu transitava melhor pela área da saúde, e isso era valorizado. E com todas essas responsabilidades ficou evidente em 1992 que eu tinha que fazer uma opção, e a opção que eu fiz foi me demitir da ESEF e ficar só na Faculdade de Medicina; então eu pedi demissão, acho que foi uma opção adequada porque a minha vocação maior era para trabalhar aqui, mas eu não estava dando conta, eu não me sentia bem e não cumpri com

¹⁴ Álvaro Reischak de Oliveira.

todas as responsabilidades que eu tinha frente a ESEF embora eu sempre tenha cumprido com tudo que era esperado no sentido de carga horária, responsabilidades didáticas e produção científica, mas não era suficiente para mim. Pedi demissão da ESEF e fiquei lotado só na Faculdade de Medicina. E a partir de 1992 eu continuei ligado por vários anos, e agora não saberia dizer, por quantos anos mais [INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO].

Eu saí da ESEF em 1992, eu continuei mais uns dois anos talvez na pós-graduação, Lato Sensu, um ou dois anos, acho que foi dois anos, em 1989 eu passei no concurso aqui para professor da Medicina, em 1992 eu saí da ESEF, mas eu fiquei como orientador do mestrado de Ciências do Movimento Humano por vários anos, eu não sei responder exatamente quantos, mas se eu olhar no meu currículo eu digo para vocês. Fiquei colaborando desta forma ainda com a ESEF, sempre tive um relacionamento excelente com os colegas e comecei uma trajetória aqui de uma produção científica mais forte e eu diria que sempre sendo convidado para bancas examinadoras lá na ESEF e sempre cobrando dos meus colegas da ESEF aquilo que até os últimos poucos anos eu não enxergava que era a produção científica original publicada em revistas internacionais que nos últimos anos tem acontecido. A ESEF mudou fantasticamente e hoje nós vemos uma produção muito, muito boa.

C.M. – Nos últimos anos exatamente a partir de quando?

J.R. – Eu lhe diria que a grande mudança é de uns quatro, cinco anos para cá. A ESEF sempre teve uma estrutura material muito boa, teve espaço, mas faltava a qualificação da produção intelectual original no exterior, que na área biológica é a única que conta. É importante salientar, sublinhar nas áreas biológicas, nas outras áreas os critérios são outros, por exemplo, história, filosofia, educação, mas na biológica só vale trabalho escrito em inglês publicado em periódico em circulação internacional, o resto é publicação vazia. E é isso que eu estou vendo acontecer agora, para citar nomes, nos vemos o professor Álvaro Oliveira, o professor Tartaruga¹⁵, o professor Kruehl¹⁶ publicando regularmente e não por acaso são pessoas que eu publico junto também. Nós temos projetos em comum e isso mostra que todos nós crescemos, cada um no seu ritmo, mas o importante é que nós crescemos. O grande desafio, eu acho que a Educação Física está com sua trajetória

¹⁵ Leonardo Alexandre Peyre Tartaruga.

¹⁶ Luiz Fernando Martins Kruehl.

estabelecida academicamente, fez um investimento na formação de Recursos Humanos, recebeu essas pessoas de volta, deu condições para essas pessoas produzirem e elas estão produzindo, citei três. O desafio que nós vemos agora que lamentavelmente ainda não está sendo cumprido, são os novos cursos e mais especificamente o curso de Fisioterapia que ainda é muito subdesenvolvido e que ainda organiza concursos - e eu gostaria que isso fosse escrito, eu me responsabilizo pelo que eu digo - e organiza concursos que são direcionados para não permitir que os mais produtivos e os mais capazes sejam professores. Ao contrário do que acontece no curso de Educação Física que os concursos são corretos e escolhem os mais produtivos, na Fisioterapia ainda é uma corporação subdesenvolvida que não permite que os mais produtivos sejam professores da Escola, porque tem medo da competição das pessoas produtivas. E eu acho que esse é o desafio que a ESEF tem hoje em dia, de mudar de fazer com que o curso de Educação Física com seu nível mais elevado influencie o curso de Fisioterapia que é subdesenvolvido e precisa de uma intervenção. Eu digo isso porque eu já fiz formalmente, escrevi uma carta para o Reitor dizendo isso para ele, é inaceitável que concursos públicos de universidades como a nossa sejam manipulados para impedir que os melhores professores sejam admitidos, e isso aconteceu na ESEF o ano passado e não pode continuar acontecendo na ESEF unidade global, no curso de Fisioterapia da ESEF, porque tanto que eu entendo na Educação Física o que eu vi. Vou dar um exemplo claro: quando me demiti da ESEF fui chamado para ser a membro da banca examinadora para o cargo que eu ocupava, fui presidente da banca, naquela época tinham dois candidatos muito qualificados, um trabalhou comigo durante anos e a outra pessoa nunca tinha trabalhado comigo, estava mais qualificada, tinha feito um doutorado no exterior, tinha mais produção e essa tirou primeiro lugar. Essa é a maneira como eu me comporto como presidente em uma banca examinadora em um concurso para uma universidade. Semana que vem eu estou na banca examinadora de um concurso na Escola Paulista de Medicina na área de Fisiologia, como dois anos atrás tive na Escola de Educação Física na ESEF da USP¹⁷.

Nesses ambientes mais desenvolvidos, os concursos são sérios, ao contrário do que aconteceu no concurso da Fisioterapia da ESEF, que não é sério. Isso tem que acabar porque o prejuízo para a nossa comunidade acadêmica é irreparável, cada vez que um professor no qual o país inteiro investiu com bolsa, com pós-graduação, com estágios, e esse indivíduo volta e a universidade não aproveita, isso é um desastre. Nós temos um

¹⁷ Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

exemplo na Educação Física, mas que não foi por nenhum erro maior, foi apenas por falta de oportunidade que eu vou citar também, porque também é meu parceiro de pesquisa, o professor Dilson Rassier¹⁸ que fez mestrado na ESEF, fez doutorado no Canadá, voltou para Porto Alegre uns quinze anos atrás, talvez um pouco mais, com doutorado. Naquela época nós não tínhamos vaga na ESEF e ele acabou não podendo ser concursado porque se ele tivesse sido concursado talvez hoje ele fosse um pesquisador nosso... Infelizmente para nós e felizmente para o Canadá hoje ele é um dos maiores pesquisadores do mundo na área de Musculatura Esquelética em Montreal. Eu já mandei uma aluna minha trabalhar com ele que está defendendo doutorado sanduíche dela aqui agora e nós estamos trabalhando em conjunto, ele foi meu co-orientando de mestrado. E eu diria que dos anos que eu o conheço a única perda que nós tivemos maior de um cérebro brasileiro na ESEF foi o professor Dilson, mas eu não consigo colocar uma culpa específica, que naquela época realmente não houve oportunidade, mas não pode deixar passar a oportunidade de admitir um pesquisador de alto nível, um grande professor, então incorporado à nossa universidade. Eu acho que o Dilson é um exemplo e que as circunstâncias não foram ideais mas hoje é um dos maiores nomes no mundo na área da Fisiologia Muscular. Essa é a mensagem que eu gosto de deixar e isso foi dito no nosso evento de sexta-feira, nós temos que recuperar e intensificar o espírito que nós tínhamos nos anos 1970 de que o mais importante dentro da universidade é a formação de recursos humanos competentes. É muito caro, leva muito tempo para formar um professor e um pesquisador de verdade e nós não podemos perder a oportunidade de reter estes cérebros. E atualmente nós temos um exemplo muito negativo, dentro da ESEF, curso de Fisioterapia que trabalha diretamente para não dar oportunidade aos cérebros se desenvolverem e isso é muito grave. Eu acho que essa é uma mensagem que fica para a Escola de Educação Física está muito desenvolvida, está muito bem organizada, está produtiva, nós temos que esquecer as disputas corporativas que são sempre medíocres, esquecer as discussões de áreas do conhecimento, cada área tem seus valores e uma área não tem que diminuir a outra, cada uma produz no seu nível, nas suas regras e esse é o desafio que a ESEF tem, é quase uma missão impossível, integrar áreas tão difícil e tão distintas. Mas se todos forem de alto nível e se a mediocridade não predominar todos crescem e eu acho que essa é a linha.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁸ Dilson José Etcheverry Rassier.

